

## QUESTÃO AGRÁRIA NO MATO GROSSO DO SUL: O NEGÓCIO DA COMIDA

Jhiovanna Eduarda Braghin Ferreira  
Sedeval Nardoque

- Resumo expandido
- Projeto de pesquisa
- Relato de experiência

### EIXO TEMÁTICO

- Dinâmica Ambiental e Planejamento
- Dinâmicas Territoriais na Cidade e no Campo
- Ensino de Geografia, Educação Ambiental e Práticas Pedagógicas

### 1) INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)

Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome. (CASTRO, 1984, p. 84).

A questão da fome no Brasil sempre foi um problema estrutural e Castro (1984), na década de 1940, já analisava tal problema, mas há continuidade na atualidade, sobretudo, agravada pela crise sanitária pelo novo Corona Vírus – SARS-COVID 19. A maior crise sanitária dos últimos 100 anos acentuou a discrepância entre as classes sociais, rebatendo sobre a população mais pobre, que sofreu com a fome. Neste cenário, a falta de renda e o desmonte de políticas públicas afetaram diretamente a classe trabalhadora.

O sucateamento de políticas públicas foi uma característica presente nos dois últimos governos (Michel Temer e Jair Messias Bolsonaro), contribuindo para o Brasil entrar novamente para o mapa da fome (CORREIO BRASILIENSE, 07 jul 2022)<sup>1</sup>. No período pandêmico, a fome agravou-se em associação com a intensiva adesão às políticas de cunho neoliberal pelo Estado brasileiro, sobretudo pela Reforma Trabalhista (Lei Nº 13.467), culminando com desemprego e subemprego. A fome, também, é decorrência das desigualdades estruturais presentes no país, afetando, sobretudo, as famílias chefiadas por mulheres e a população negra ou parda. (XAVIER, *et al*, 2021).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2022/07/5020611-pais-esta-de-volta-ao-mapa-da-fome-da-onu.html>>. Acesso em: maio de 2023.



## IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

*“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”*  
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

Esses elementos expostos para compreender a questão da fome no Brasil, embora indispensáveis, não são suficientes, pois há particularidades em recortes espaciais específicos. Posto isso, o presente trabalho tem como objetivo entender a fome a partir da questão agrária e do negócio da comida no estado de Mato Grosso do Sul.

### 2) METODOLOGIA

Para compreender o movimento da realidade no estado do Mato Grosso do Sul, os caminhos metodológicos articularam-se entre revisão bibliográfica e análise dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e do Centrais de Abastecimento de Mato Grosso do Sul (CEASA/MS). Os dados do CEASA/MS permitiram analisar os “alimentos viajantes” (2017) e os do IBGE (2017) para compreender o uso, posse e propriedade da terra.

### 3) RESULTADOS E DISCUSSÕES

A questão da pobreza e da fome no Brasil é retratada como problema estrutural desde os escritos de Josué de Castro (1946), mas perdura em tempos recentes, agravando-se pela crise sanitária da COVID-19. Para o autor, não se deve compreender a fome pela fome, mas entender os processos ocasionadores da fome e no limite, da morte. Para analisar a fome no Brasil, Castro (1946) elaborou um mosaico dividido em cinco áreas, e concluiu que as que tiveram maior presença do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDS, atualmente BNDES) foram as que apresentaram menores deficiências alimentares.

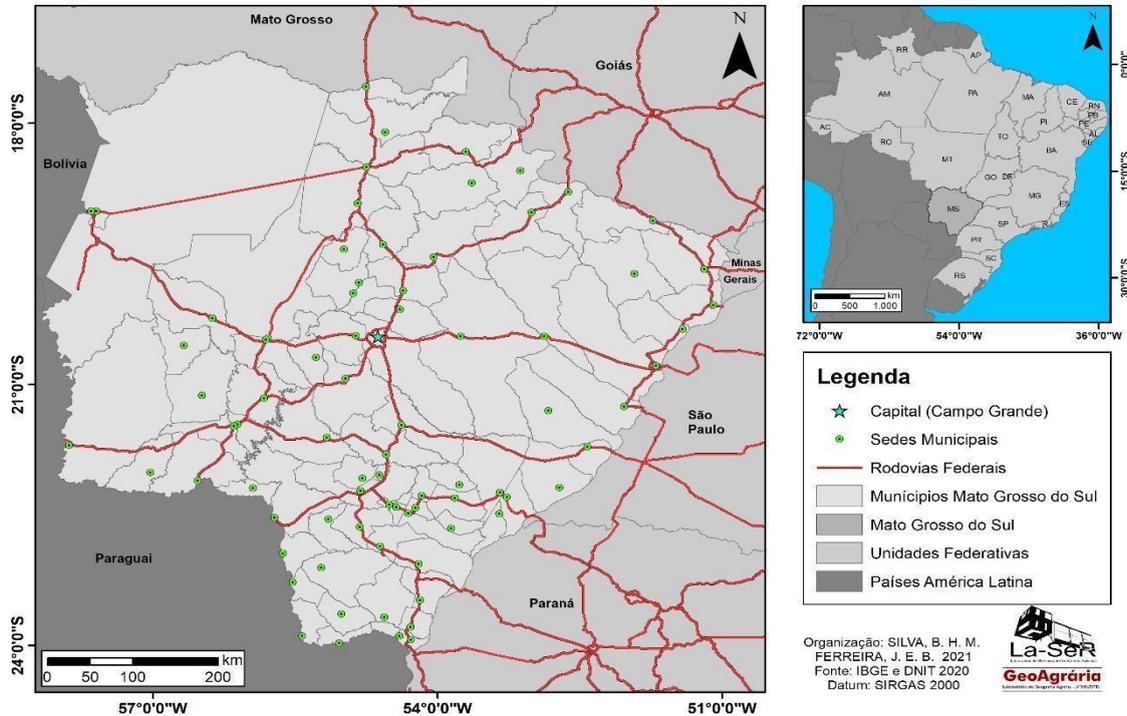
Esta análise corrobora com o exercício de tentar compreender a fome para além da falta de renda (embora esse elemento também seja determinante), podendo ser analisada a partir da questão agrária e do negócio da comida. Dito isso, faz-se necessário compreender o processo de desenvolvimento do capitalismo, pois, ao inserir a terra em sua lógica, instrumento indispensável para produção, transformou esse bem natural finito em mercadoria especial (MARTINS, 1981), apropriada por latifundiários e capitalistas.

A apropriação capitalista da terra foi possível pela aliança travada entre os capitalistas-latifundiários-Estado (NARDOQUE, 2017) culminando na concentração de terras, bloqueando a reforma agrária, a (re)criação camponesa, e, portanto, impactando a produção de alimentos, a soberania e segurança alimentar no campo e na cidade. Esta realidade pode ser assistida no estado de Mato Grosso do Sul (figura 1).



## IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”  
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS



**Figura 1:** Mato Grosso do Sul: localização

Os dados da tabela 1 demonstram a estrutura fundiária do estado. Os estabelecimentos com menos de 200 ha, os pequenos, somam 75% do total, ocupando apenas 5% da área. Em contrapartida, os grandes estabelecimentos, acima de 1.000 ha, ocupam 77% da área total, mesmo sendo apenas 10%, demonstrando a forte concentração fundiária.

**Tabela 1:** Mato Grosso do Sul: Estrutura Fundiária – 2017

Classe de Área (ha)	Censo Agropecuário 2017				
	Estabelecimentos - nº	%	Área (ha)	%	Área média (ha)
0 a menos 200	53.169	75	1.514.687	5	28,48
200 a menos de 1.000	10.950	16	5.412.368	18	494,28
Acima de 1.000	6.843	10	23.622.125	77	3.452,01
<b>Total</b>	<b>70.962</b>	<b>100</b>	<b>30.549.180</b>	<b>100</b>	<b>430,50</b>

**Fonte:** IBGE – Censo Agropecuário 2017. **Organização:** autora.

Como consequência da concentração fundiária, ocorre no estado a presença do latifúndio produtivo e improdutivo, ambos causam bloqueio ao direito de Reforma Agrária, à (re)produção camponesa e, portanto, impactando



## IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”  
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

na produção de alimentos, na soberania e na segurança alimentar. A territorialização do capital (OLIVEIRA, 2007) atribuiu uma nova roupagem para o latifúndio improdutivo, embora ainda tenha presença marcante. A territorialização do capital ocorre em cultivos com renda alta, como bem explicou Martins (1981). Mediante os dados do IBGE (2017), é possível analisar o uso da terra no estado, nota-se que, uma fração significativa do território voltado para o cultivo de *commodities* destinado para exportação, como soja, cana-de-açúcar e eucalipto.

Destarte, segundo o IBGE (2017), a área colhida das lavouras permanentes (predominância da presença de alimentos) não ultrapassa 7.346 ha. As lavouras temporárias apresentam área total colhida de 5.177.774 hectares, no entanto, vale ressaltar que, dos 55 tipos de produtos, três são considerados *commodities*, sendo: milho, soja, cana-de-açúcar. Do total da área colhida, 1.804.029 ha são de milho em grão; 690.955 ha de cana-de-açúcar e 2.445.309 ha são de soja. Sendo assim, restam para os outros 52 produtos uma área colhida de apenas 237.441 ha. Já a silvicultura, segundo dados do IBGE (2021), possui área colhida de 1.048.485 ha.

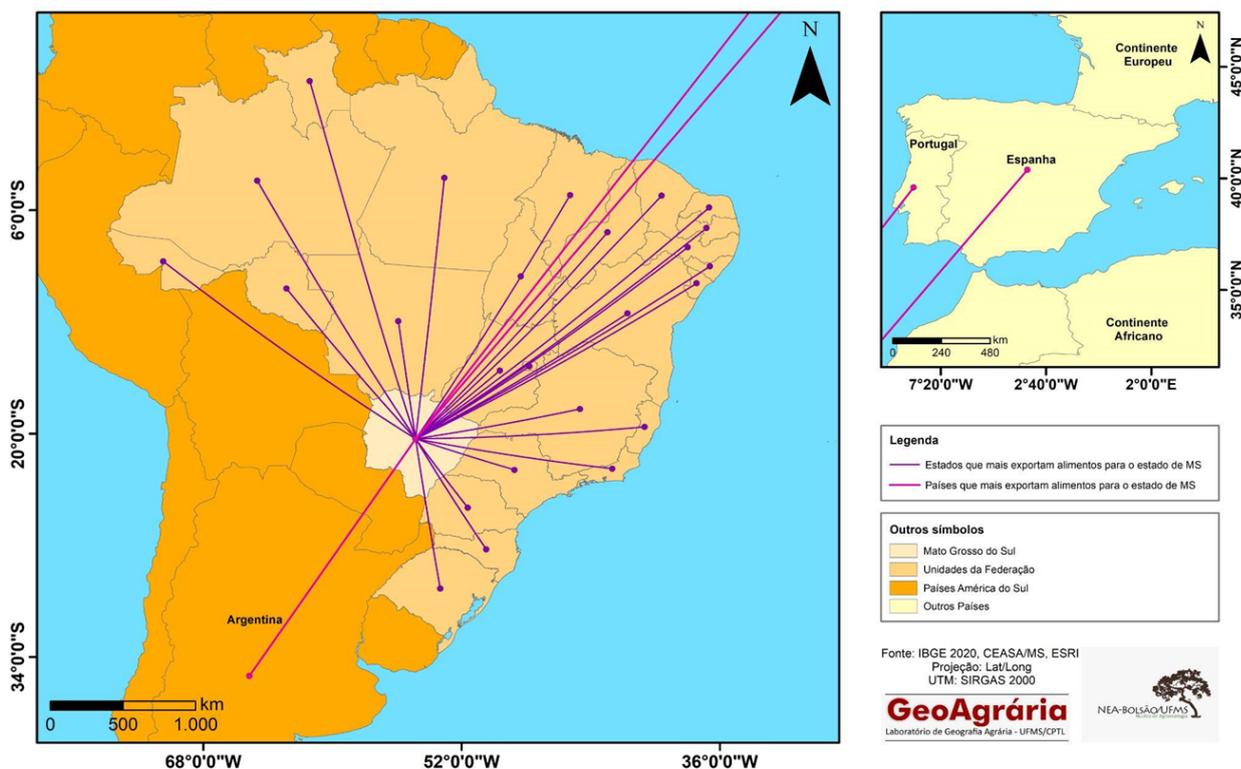
Mesmo que a área colhida de monocultivos de exportação (5.988.818 ha) se destaque em relação à área colhida destinada à alimentação básica (237.441 ha), em relação a área total do estado (30.549.180 ha), ainda é relativamente pequena, pois ocupa menos de 20%.

Posto isso, é evidente que os latifúndios improdutivos e produtivos afetam diretamente na produção de alimentos. Os dados da CEASA/MS revelam que 86,90% dos produtos apresentavam procedência de outro estado e países (figura 2). Os estados e países são os mais diversos, pois nos anos de 2006, 2018, 2019, 2020 e 2021, 26 estados e três países destinaram alimentos para o CEASA/MS.



## IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”  
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS



**Figura 2:** Mato Grosso do Sul: circulação de alimentos – importação de alimentos nos anos de 2006, 2018, 2019, 2020 e 2021.

O desenvolvimento das relações capitalista adicionou a sua lógica à agricultura, não se restringindo apenas à produção, mas também à circulação de mercadorias, conforme Oliveira (2010). A mercadoria aqui colocada é o alimento e a sua inserção à lógica capitalista de produção-circulação possibilita a produção/reprodução ampliada do capital.

Na maioria dos produtos de alimentação básica, segundo Oliveira (2010), a sujeição da renda da terra ao capital, neste caso, a camponesa, é possível pela ação dos atravessadores. A participação do Estado é central neste processo ao produzir espaço para a reprodução ampliada no capital por meio da apropriação de renda e de lucro por comerciantes atravessadores, como no caso dos entrepostos de comercialização de alimentos, como no caso das Centrais de Abastecimento (CEASA), além de aumentar a distância entre os agricultores camponeses e os consumidores finais de alimentos.

#### 4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apropriação capitalista da terra, resultante da aliança travada entre latifundiários e capitalistas (ALMEIDA, 2011) impõe desafios para analisar a questão agrária no Mato Grosso do Sul, pois, ao mesmo tempo que é caracterizado pelo latifúndio produtivo, tem a presença marcante do latifúndio improdutivo. Essa característica causa impacto na produção de alimentos básicos. Além disso, o negócio da comida ameaça a vida, os cultivos



## IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

*“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”*  
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

alimentares, recursos naturais, os camponeses, a classe trabalhadora, a biodiversidade, segurança e soberania alimentar, afetando o campo e a cidade. Sendo assim, o único caminho possível para a superação desse modelo excludente, está na Reforma Agrária e nas políticas públicas intrínsecas à ela.

### 5) AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e também, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

### 6) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Aliança terra-capital em Mato Grosso do Sul: redefinições no campo e na cidade.** In: Edima Aranha Silva; Rosemeire Aparecida de Almeida. (Org.). Território e territorialidades em Mato Grosso do Sul. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011, v. 1, p. 103-134.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome.** Rio de Janeiro: Edições Antares, [1946] 1984.

ESTEVE, Esther Vivas. **O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?** 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 269p.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

NARDOQUE, Sedeval. **A expansão geográfica do capital e reforma agrária em Mato Grosso do Sul nos governos FHC e Lula.** In: CAMACHO, Rodrigo Simão; COELHO, Fabiano. (Org.). O campo no Brasil contemporâneo: do governo FHC aos governos petistas. Curitiba (PR): CRV, 2017.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Agricultura e indústria no Brasil.** TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v.5, n.10, p. 5-64, ago. 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária.** 1ª. ed. São Paulo: FFLCH/LABUR EDIÇÕES, 2007. v. 1. p.184.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização / Jan Douwe van der Ploeg ; tradução Rira Pereira. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.**

XAVIER, Gabriela Taíse Poiati et al. **Dissecando a fome no Brasil durante a pandemia da COVID-19.** Caderno de Geografia, v. 31, n. 2, p. 103-103, 2021.



## **IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO**

*“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa  
científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”*  
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS